

nordês

PERIÓDICO ANARQUISTA

UMHA COLABORAÇÃO ENTRE
ARDORA (S)EDIÇÕES ANARQUISTAS
E COLAPSO ZINES



N22 · JULHO 2020

DEZ PUNHALADAS
À POLÍTICA

SMALL IS BEAUTIFULL?

SEMANA INTERNACIONAL
DE SOLIDARIEDADE
COM AS ANARQUISTAS
ENCARCERADAS

DEZ PUNHALADAS À POLÍTICA

IL PUGNALE

A política é a arte da separação. Aí onde a vida perdeu a sua plenitude, onde o pensamento e a ação dos indivíduos foram seccionados, catalogados e fechados em esferas separadas, aí começa a política. Afastando algumas atividades dos indivíduos (a discussão, o conflito, a toma de decisão coletiva, o acordo) a umha zona de sim que – avallada pola sua independência – pretende governar a todas as demais, a política é ao mesmo tempo separação entre separações e gestão hierárquica da compartimentação. Mostra-se assim como umha especialização, obrigada a transformar o problema em suspenso da sua própria função no presuposto necessário para resolver todos os problemas. É por isso precisamente que o papel dos profissionais da política é indiscutível – e o único que podemos fazer é substituí-los de vez em quando. Cada vez que os subversivos aceitam separar os diferentes momentos da vida e mudar – partindo dessa separação – as condições dadas, convertem-se nos melhores aliados da ordem do mundo. E precisamente porque aspira a ser umha

espécie de condição básica da vida mesma a política exala por todas partes o seu alento mortífero.

A política é a arte da representação. Para governar as mutilações infligidas à vida, constrinhe aos indivíduos à passividade, à contemplação do espetáculo montado sobre a sua própria impossibilidade de atuar, a delegação irresponsável das suas próprias decisões. Entom, mentres a abdicação da vontade de determinar-se a sim mesmos transforma aos indivíduos em apêndices da máquina estatal, a política recompom numha falsa unidade a totalidade dos fragmentos. Poder e ideologia celebram assim as suas funestas nupcias. Se a representação é o que despoja aos indivíduos da sua capacidade de atuar, oferecendo-lhe em contrapartida a ilusão de ser participantes e nom espectadores, esta dimensão da política reaparece sempre ali onde algumha organização suplanta aos indivíduos e algum programa os mantém na sua passividade. Aparece sempre aí onde umha ideologia une o que na vida esta separado.

A política é a arte da mediação. Entre a suposta totalidade e a singularidade, e entre os indivíduos. Ao igual que a vontade divina precisa os seus próprios intérpretes e representantes terrestres, a Colectividade precisa os seus próprios delegados. Ao igual que nom existem na religião relações entre os homens, senom só entre os crentes, nom som os indivíduos os que se encontram na política, senom os cidadãos. Os vínculos de pertença impedem a união, porque só na diferença desaparece a separação. A política volta-nos iguais porque nom há diversidade na escravidão – igualdade ante Deus, igualdade ante a lei. Por isto ao diálogo real, que nega a mediação, a política o substitui pola sua ideologia. Toda política é umha simulação participativa. Toda política é racista. Só derrubando as suas barreiras na revolta poderemos atopar aos demais na sua e na nossa singularidade. Rebelo-me depois existimos. Mas se nós existimos, adeus revolta.

A política é a arte do impessoal. Cada ação é única e particular. Cada ação é como a fugacidade dumha chispa que foge da ordem da generalidade. A política é a administração dessa ordem. «Que queres que seja umha ação em frente à complexidade do mundo?» Assim argumentam os dormintes na dupla somnolência dum «Si» que é ninguém e de um «Mais tarde» que é nunca. A burocracia, servo fiel da política, é a nada administrada com o fim de que Ninguém possa atuar. Com o fim de que ninguém reconheça jamais a sua própria responsabilidade na irresponsabilidade generalizada. O poder já não diz que todo está baixo controle, ao revés diz: «Nem sequer eu consigo encontrar os remédios, imaginade-vos qualquer outro». De agora em diante a política democrática baseia-se na ideologia catastrofista da emergência («Ou nós ou o fascismo, nós ou o terrorismo, nós ou o desconhecido»). A generalidade, também a antagonista, sempre é acontecimento que não acontece e que anula todo o que acontece. A política convida a todos a participar no espetáculo destes movimentos permanecendo imóveis.

A política é a arte do adiamento. O seu tempo é o futuro, é por isso que nos encerra a todos num presente miserável. Todos juntos, mas manha. Qualquera que diga «Eu e agora» arruína, com esta impaciência, que é a exuberância do desejo, a ordem da espera. Espera dum objetivo que saia da maldição do particular. Espera dum grupo no que não pôr em perigo as próprias decisões e agochar as próprias responsabilidades. Espera dum crescimento qualitativo adequado. Espera de resultados quantificáveis. Espera da morte. A política é a constante tentativa de transformar a aventura em porvenir. Mas só se «eu e agora» decido pode existir um nós que não seja o espaço dumha recíproca renúncia, a mentira que nos volta a uns controladores de outros. O que queira atuar agora é olhado sempre com receio. Se não é um provocador, se diz, certamente atua como tal. Mas é o instante dumha ação e dum prazer sem manha o que nos leva à manha seguinte. Sem o olhar fixo nas agulhas do relógio.

A política é a arte do acomodamento. Esperando sempre que as condições estejam maduras, acaba-se tarde ou cedo aliados com os tempos da espera. No fundo a razão, que é o órgão da dilatação e do adiamento, oferece sempre um bom motivo para entrar em acordo, para limitar os danos, para salvar algum detalhe particular dum todo que se despreza. A razão política tem olhos aguçados para encontrar alianças. Não todos são iguais, não são. A esquerda comunista não é como essa direita perigosa e rastreira. (Não votamos por ela nas eleições – somos abstencionistas – mas os comités cidadãos, as iniciativas na rua, são outra coisa). A sanidade pública será sempre melhor que a sanidade privada. Um salário mínimo garantido será sempre preferível ao desemprego. A política é o mundo do menos mau. E resignándonos ao menos mau, aceitamos passo a passo este todo, dentro do qual só nos concedem as preferências. O que em câmbio não quer saber nada deste menos mau é um aventureiro, ou um aristocrático.

A política é a arte do cálculo. Para que as alianças sejam proveitosas há que conhecer os segredos dos aliados. O cálculo político é o primeiro dos segredos. É necessário saber por onde pisamos. Há que fazer detalhadas relações dos esforços e os resultados obtidos. É a força de medir o que se tem, acaba-se conseguindo todo, salvo a vontade do pôr em jogo e de perder. Acaba-se sempre sem dar muito de si, atentos e com pressas para pedir a conta. O olho fixo sobre o que nos rodeia, sem esquecer-nos nunca de nós mesmos. Alerta como políticas. Quando o amor a um mesmo se volta excessivo, exige ser propagado. Esta sobreabundância de vida faz-nos esquecer de nós mesmos, nos faz perder na tensão do arrebatamento, a conta. Mas o esquecimento de um mesmo é o desejo dum mundo onde valha a pena perder-se, dum mundo que merece o nosso esquecimento. É por isso que o mundo tal e como é, administrado por carcereiros e contábeis, tem que ser destruído – porque podemos dá-lo todo sem contar. Aí começa a insurreição. Superar o cálculo, mas não por defeito, como o recomenda o humanitarismo que passo tras passo

*Não todos os
homens de Estado
estão pagos
pelo governo.
Há funcionários
públicos que
não ocupam
umha cadeira no
Parlamento, nem
tampouco nas
estadias adjacentes*

remata sempre aliado com o verdugo, senom mais bem por excesso. Aí termina a política.

A política é a arte do controlo. Que a atividade humana nom se liberte das correntes do dever e do trabalho para revelar-se em toda a sua potencialidade. Que os operários nom se atopen em tanto indivíduos e nom parem de deixar-se explorar. Que os estudantes nom se decidam a destruir os colégios para eleger como, quando e que aprender. Que os familiares nom deixem de ser os pequenos servos dum pequeno Estado. Que as crianças nom sejam mais que a cópia imperfecta dos adultos. Que nom acabemos com as distinções entre os (anarquistas) bons e os (anarquistas) malos. Que nom sejam os indivíduos os que se relacionam, senom as mercadorias. Que nom se desobedezca à autoridade. Que quando alguém ataque as estruturas do Estado se diga em seguida «que isso nom é obra de companheiros». Que os bancos, os tribunais, os quartéis nom pulem polos ares. Em soma, de que nom se manifeste a vida.

A política é a arte da recuperaçom. A forma mais eficaz para desalentar toda a rebeliom, todo o desejo de câmbio real, é apresentar a um homem ou mulher de Estado como subversiva, ou – melhor ainda – transformar a um subversivo num homem de Estado. Nom todos os homens de Estado estam pagos polo governo. Há funcionarios públicos que nom ocupam umha cadeira no Parlamento, tampouco nas estadias adjacentes; mais bem ao revês, frequentam os centros sociais e tenhem um conhecimento discreto das principais teses revolucionárias. Disertan sobre a potencialidade liberatoria da tecnologia, teorizan esferas públicas nom estatais e a superaçom do sujeito. A realidade – o sabem moi bem – é sempre moito mais complexa que qualquer açom. Assim, se concebem umha teoria total, é só para poder esquecer-la totalmente na vida quotidiana. O poder precisa-o porque – como eles mesmos assinalam – quando ninguém lhe critica, o poder critica-se a sim mesmo.

A política é a arte da repressom. Do que nom separa os diferentes momentos da sua vida e quer mudar as condições dadas partindo da totalidade dos seus próprios desejos. Do que quer queimar a pasividade, a contemplaçom e a delegaçom. Do que nom se deixa suplantar por ninguemha organizaçom, nem imobilizar por ninguem programa. Do que quer ter relações diretas entre indivíduos e fazer da diferença o espaço mesmo da igualdade. Do que nom tem um nós sobre o que jurar. Do que perturba a ordem da espera porque quer sublevar-se de imediato, nom amanhã, nem passado manhã. Do que se entrega sem esperar contrapartidas e se esquece por excesso. Do que defende aos seus companheiros com amor e determinaçom. Do que só oferece aos recuperadores umha única oportunidade: a de desaparecer. Do que recusa passar a engrossar as incontáveis filas dos pícaros e os apáticos. Do que nom quer nem governar nem controlar. Do que quer transformar o futuro numha aventura fascinante.



SMALL IS BEAUTIFUL?

AVIS DES TEMPÊTES

“Tenho estudado o fenómeno da dedicação, a miúdo cega, dos técnicos ao seu trabalho. Porque consideravam a tecnologia moralmente neutra, estas pessoas nom tinham escrúpulos sobre o que estavam a fazer. Quanto mais técnico era o mundo que nos impunha a guerra, mais perigosa era a indiferença dos técnicos às consequências das suas actividades anónimas.»

Albert Speer, arquitecto, membro do partido nazi e ministro de Armamento e Provisions de 1942 a 1945

Em 1959, um físico que participou no programa de investigação que levou à construção da bomba atómica, foi umha curiosa apresentação numha universidade de Califórnia. Ele concluiu com palavras que pretendiam ser proféticas, como convém aos grandes visionários da ciência: “Há moito espaço no fundo. Durante moitas décadas, a sua profecia gerou mais especulação do que investigação precisa. Até o dia em que os primeiros laboratórios de investigação começaram, nos anos 80, a dedicar-se ao estudo do “infinitamente pequeno”. Denominada “nanotecnologia”, esta investigação abrange todos os processos de fabricação ou manipulação de estruturas à escala nanométrica (1 nanómetro é

um bilionésimo de metro; umha fita de ADN humano tem 2 nanómetros de largura). O “grande salto para adiante” foi dado em 2001, quando os Estados Unidos reconheceram a nanotecnologia como um sector estratégico para a investigação científica, inundando laboratórios com o maior plano de investimento da sua história. Mas a escuridade ainda persistia um pouco mais abaixo. Moito tempo passou, e moitos laboratórios loitarom para produzir o “prático”, aplicações industrializáveis. Tornarom-se também um pouco mais discretos, nom só devido à competência feroz entre os diferentes poderes, mas talvez também devido ao temor a um desafio “irracional” e “tecnófobo” como o que se encontrou com a introdução dos OGM nalgumas partes do mundo (agora amplamente derro-

tados, ainda que alguns países como França continuem a proibir a sua comercialização para alimentação humana no seu solo -o que nom impede que quase todas os cultivos de milho nos Estados Unidos sejam transgénicos, tal como o arroz na Índia, o trigo e a colza na Argentina, etc.) Estamos sendo testemunhas doutro anúncio vaidoso de cientistas que juram “revolucionar o mundo”? Em todas partes construirom-se novos laboratórios, unidades de investigação e clusters de instituições e empresas, todos eles dedicados à investigação em nanotecnologia. Em França, existem actualmente polo menos 240 laboratórios de nanociência. Os “polos de competitividade” relacionados com as nanotecnologias estão localizados em Lyon (Lyonbiopôle), Grenoble (Minalogic), Besançon (Microtechniques), Provence Alpes-Côte d’Azur (Optitec e Soluções de Comunicação Segura) e Centre-Limousin (Ciências e Sistemas de Energia Eléctrica). Os institutos de investigação mais importantes situam-se em Grenoble (Institut des Neurosciences), Saclay (Triangle de la Physique), Estrasburgo (Centre International de Re-

*Perder-se
em discussões
intermináveis sobre
a perigosidade das
nanopartículas
corre também o
risco de perder de
vista o facto de
que esta é, acima
de todo, uma
forma importante
da economia
de atravessar
certos limites e
perpetuar assim
a sua existência
mortífera
hipotecando o
mundo a longo
prazo*

cherche aux Frontières de la Chimie) e Aix-Marseille (Institut Carnot). Cabe sinalar, sem embargo, que a maioria das universidades tem, cada uma, pelo menos um laboratório dedicado às nanotecnologias e que muitas regiões criaram um “centro de competência” que reúne aos agentes da investigação e produzem de nanotecnológica.

Há alguns anos, o Governo francês introduziu uma estrutura de comunicação obrigatória para as empresas que utilizam nanomateriais nos seus produtos. Evidentemente, não indicaram os nomes exactos destes últimos (não existem regulamentos para assinalar a presença de nanopartículas fabricadas, como é o caso dos aditivos alimentários, por exemplo), mas o último relatório anual (relativo a 2019) menciona pelo menos 900 produtos alimentários que incorporam estas nanopartículas. Estes incluem leite infantil, confeitaria, cereais para o almoço, barras de cereais ou pasteleria congelada e sobremesas. A utilização de nanomateriais noutros sectores também aumentou significativamente nos últimos anos: nanocomponentes em electrónica, nanopartículas em cosméticos, nanopartículas utilizadas para tratar e melhorar superfícies metálicas, etc., sem esquecer -com um pouco menos de “transparência”- as suas múltiplas aplicações no domínio militar. E como toda a produção gera os seus próprios resíduos, os resíduos dos processos de fabricação dos nanomateriais acumulam-se. De momento, parece que estes resíduos são simplesmente queimados ou enviados para outros lugares, preferentemente para os campos de morte em África (como em Ghana, onde existe um dos maiores contentores ao ar livre para resíduos informáticos do mundo).

Então, qual é o problema? Quais as diferenças entre os nanomateriais e qualquer produto industrial? De toda a toxicidade produzida pela economia? Correndo o risco de talvez dar demasiado crédito ao entusiasmo dos investigadores, ousaríamos dizer que é possível ultrapassar outro umbral qualitativo com os nanomateriais, e que isto não é uma simples extensão quantitativa do que já existe. Para estabelecer um paralelo com os OGM: constituem, sim ou não, um umbral

que há que transpassar em relação aos danos já causados pela agricultura industrial? Som simplesmente “um pouco mais do mesmo”, ou estão a acrescentar “algo mais” à pila de porcarias existente? No caso dos OGM, não há dúvida de que a resposta seria geralmente afirmativa, uma vez que se trata de manipulações que afectam a própria estrutura dos organismos vivos e a sua disseminação na natureza. E bem, estaríamos mais inclinados a dar a mesma resposta quando se trata de nanotecnologias.

A síntese de compostos químicos não é, evidentemente, uma novidade. Durante a Segunda Guerra Mundial, os complexos químicos do Terceiro Reich já estavam a produzir “petróleo sintético” para satisfazer as necessidades da Wehrmacht. O que é novo com a nanotecnologia é a escala em que podemos trabalhar, e especialmente o facto de que, à escala nanométrica, as propriedades da matéria mudam. Já não se comporta de acordo as mesmas leis físicas. Por exemplo, o carbono pode tornar-se mais forte do que o aço. O cobre pode tornar-se transparente, e o alumínio pode tornar-se explosivo. Isto foi todo o que se precisou para inspirar o entusiasmo dos aprendizes de feiticeiros num mundo em que o artificial prevalece sempre sobre o natural. A alteração das propriedades da matéria poderia facilmente transformar toda a produção actual a longo prazo e gerar novos “problemas insuperáveis” (resíduos, toxicidade, limites físicos, etc.). Basta pensar como a paisagem da transmissão de electricidade poderia mudar, já que a perda de linhas actual é de quase 5%, se os nanomateriais supercondutores substituissem os cabos actuais, geralmente feitos de liga de alumínio. Ou se os chips se tornassem tão microscópicos (hoje em dia, a sua miniaturização é limitada pelas propriedades dos materiais utilizados, geralmente silício) que se tornassem quase indetectáveis.

Falando indetectáveis, as instituições de controlo como a ANSES (Agência Nacional de Segurança Sanitária) admitem que é muito difícil e, de momento, bastante aleatório detectar nanopartículas em produtos ou no ambiente. Como as nanopartículas são “indestrutíveis”, nunca desapare-

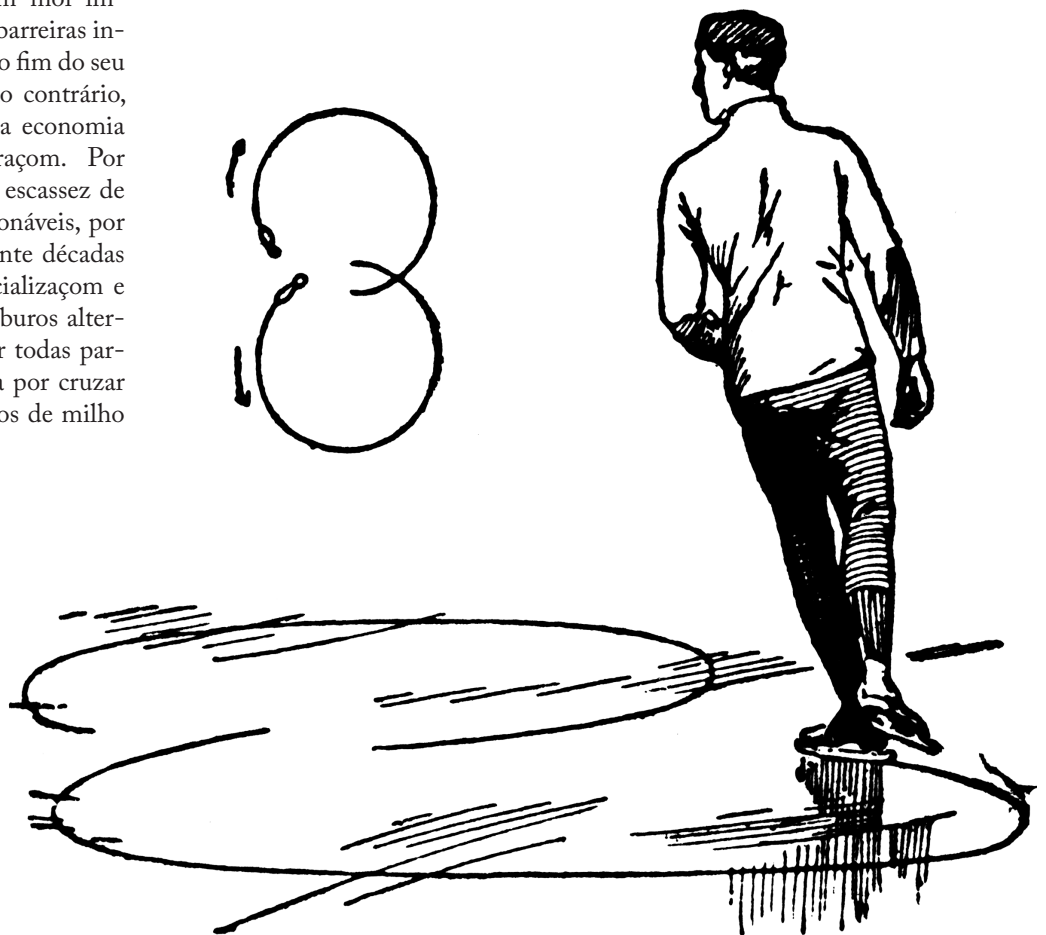
cem, viajando de corpo a corpo, dose laboratórios aos produtos, dos produtos à terra, da terra aos alimentos, etc. Estas partículas, cujas propriedades foram modificadas, também passam por todas as membranas de proteção e “filtros” que a maioria dos organismos vivos possui. Por exemplo, uma nanopartícula pode muito facilmente passar do estômago ou do pulmão à sangue, depois da sangue ao cérebro, etc., e há muito poucos dados disponíveis sobre a sua toxicidade. Como exemplo, o Governo francês proibiu em 2019, por “princípio de precaução”, o aditivo E171, dióxido de titânio, em todos os produtos alimentícios, mas não nos 4000 medicamentos que o contêm. Segundo dados oficiais, o mesmo dióxido de titânio utilizado pela indústria pode conter até 2,3% de nanopartículas. Tal como acontece com outros venenos industriais, a toxicidade à escala nanométrica é sobretudo uma questão de gestão, com umbrais que podem ser alterados até o infinito de acordo com as necessidades do momento.

Pelo momento, os “limites” da actual produção capitalista são muito importantes, mas não são barreiras insuperáveis que anunciem o fim do seu querido crescimento. Pelo contrário, são “desafios” para uma economia em perpétua reestruturação. Por exemplo, as previsões de escassez de petróleo (bastante questionáveis, por certo) incentivaram durante décadas a investigação, a comercialização e a fabricação de hidrocarbonos alternativos, e hoje vemos por todas partes a devastação causada por cruzar este “limite”: monocultivos de milho

e colza para produzir hidrocarbonos, a explosão do fracking, a substituição dos motores de combustão tradicionais por motores eléctricos (e amanhã talvez de hidrogénio), e assim sucessivamente. A nanotecnologia seguramente desempenhem um papel importante na futura artificialização do mundo. Nisto, qualquer expectativa apenas contribui ao progresso da dominação e as suas esmagadoras perspectivas. Perder-se em discussões intermináveis sobre a perigosidade das nanopartículas corre também o risco de perder de vista o facto de que esta é, acima de tudo, uma forma importante da economia de atravessar certos limites e perpetuar assim a sua existência mortífera hipotecando o mundo a longo prazo.

Finalmente, tal como acontece com outras tecnologias prometedoras da dominação, a única questão de interesse, aqui e agora, é a do ataque destrutivo.

*Pelo momento,
os “limites” da
actual produção
capitalista são muito
importantes, mas
não são barreiras
insuperáveis que
anunciem o fim
do seu querido
crescimento*



DO 23 AO 30 DE AGOSTO, SEMANA INTERNACIONAL DE SOLIDARIEDADE COM AS ANARQUISTAS ENCARCERADAS

Um ano mais baixo o lema de «por um mundo sem estados nem prisons» convoca-se umha semana de solidariedade com as anarquistas presas. Deixamos a seguir o chamamento de este ano realizado por diversos coletivos:

O nosso planeta está a entrar numha nova década. Com o auge dos movimentos de direita e o lento declive da socialdemocracia, nos próximos anos dispomo-nos a umha intensa loita contra o estado e o capitalismo. E mentres, moitass anarquistas já estam encarceradas por participar nesta loita. Esquecidas polos liberais das ONGs de

direitos humanos porque as suas açõs foram «violentas».

A miúdo, as anarquistas recebem expressõs de solidariedade da sua comunidade de origem. Após todo, quem pode apoiar-te melhor que a gente atrapada na mesma pobreza de exploraçom? Sem embargo, achamos que a responsabilidade de apoiar às pessoas que se enfrentam à repressom em diferentes partes do mundo deve recair nom só nos ombros da comunidade local, senom também no movimento anarquista internacional. Através das nossas açõs, nom só podemos proporcionar fondos aos lugares onde se precisam, senom também manter o fogo nos peitos dos prisioneiros, ainda

ardendo através do amor revolucionário e a açom direta!

Chamamos-te a realizar açõs em solidariedade com as anarquistas encarceradas em todo mundo. A partir do 23 de agosto de 2020 —dia da execuçom de Sacco e Vanzetti— podes fazer absolutamente qualquer cousa, a única limitaçom é a tua imaginaçom. Pom em prática todas as suas ideias. Mostremos a nossa energia e força coletiva numha loita revolucionária!

Convocam: 325, ABC Brighton, ABC Warsaw, ABC Dresden, ABC Belarus, NYC Anarchist Black Cross, Cempaka Collective, Anarchist Union of Afghanistan and Iran, anarchistnews.org



AMADEU CASELLAS CONDENADO A QUATRO ANOS DE PRISOM

Já passaram dous anos desde que os Mossos de esquadra se levaram preso a Amadeu Casellas do seu domicílio na localidade de Vic. Dende aquela ficou fechado na prisom de Brians II à espera de juízo baixo a acusaçom de roubo com intimidaçom. O passado mês de maio resolveu-se a sentença quedando em quatro anos de condena à que o próprio Amadeu pensa recurrir já que o processo está cheio de irregularidades. Segundo declara Amadeu “nom admitirom nem antes, nem no próprio juízo, todas as provas exculpatórias, algumas delas moi graves como é a ocultaçom de provas à defesa”

UMHA VIDA DE LUITA

O anarquista Amadeu Casellas Ramón começa a sua militância no movimento libertário desde moi novo e a sua solidariedade revolucionária o levou a passar grande parte da vida no cárcere, onde continuou lutando. Som conhecidas as campanhas pola sua libertaçom nas quales levou a cabo duras greves de fome chegando a passar 99 dias sem alimento. A sua anterior estância em prisom remata no ano 2010 chegando a reconhecer o juíz que cumprira oito anos de mais.

UMHA VEZ MAIS, SOLIDARIEDADE

Podemos manter-nos informados da situaçom de Amadeu a través do blogue llibertatamadeu.org. O companheiro precisa de apoio económico para gastos em procuradores e avogados. Pode-se fazer umha achega na seguinte conta bancária:

FLARE:ES32 1550 0001 2300 0924 1522

Titular: SINDICATO UNICO DE OFICIOS VARIOS DE CORNELLA
Asunto: Amadeu (o similar)

Ardora
(s)ediçõs anarquistas

ARDORAEDITORIA.INFO · ARDORA@BASTARDI.NET

COLAPSOS
—| ZINES |—

COLAPSOZINES@RISEUP.NET